

Nada de Brechas!

Vanusia Lopes

Ela abriu os olhos com susto, num solavanco. A princípio, a cor branca das paredes e do chão parecia cegá-la. A sensação era piorada porque a parede lateral e a que ficava à sua frente eram de vidro, de onde vinha uma luz forte que impedia-a de enxergar o que tinha do lado de fora. Não reconhecia o lugar, mas sabia que era um saguão – “o que era mesmo um saguão?” – sem lembrar de onde viera essa palavra. “Sa...guão”, falou de si para si, sem emitir som algum.

Fechou e abriu os olhos vagarosamente, duas vezes... três vezes... A vista direita parecia estar colada por um fio: ficou entreaberta. A cabeça girou lentamente do centro para a esquerda e da esquerda para a direita. A falta de controle fazia com que o movimento não acontecesse em linha reta: seu olhar acompanhava o movimento lento.

O corpo sonolento começou a se deslocar. Não sabia para onde ir, mas foi... A cabeça parecia grande, maior do que todo o corpo. Tinha dificuldade em ampará-la sobre o pescoço e, este, sobre os ombros, mas caminhou.

Avistou um corredor ao lado direito do saguão. Não sabia como, mas lembrava que ali havia uma porta, que não se via mais. Como sabia disso? Conseguiu concentrar os olhos na entrada do corredor e caminhou em direção a ele. Caminhou como se a gravidade fosse igual a da Lua...

Estranhamente, parecia saber o que encontraria lá. Como *flashes* luminosos, visualizou as quatro portas do lado direito: sabia que à esquerda encontraria uma parede com tijolos vazados – “como é mesmo o nome desses tijolos?”, pensou. “Cobogós... *cobogós são tijolos vazados, criados na década de 1920, na cidade de Recife, seu o nome co-bo-gó é a junção das iniciais dos nomes dos engenheiros criadores...*”. Essas informações surgiram como se uma voz feminina falasse rapidamente. Ficou zozza com a profusão de imagens. Parou por um pequeno momento, fechou e abriu os olhos algumas vezes, apurou o corpo e seguiu. O olho direito começava a se abrir de forma mais confortável.



Enquanto caminhava até o corredor, percebeu a boca seca. Porém, não tinha sede: a náusea lembrava que possuía estômago e esôfago, mas sentia-se vazia. Uma ardência no braço direito fez com que inclinasse a cabeça para olhá-lo: percebeu um curativo quase solto e um cateter plástico colado às ataduras, mas fora do seu corpo.

Entrou no corr... no encaminhador. Conforme andava, se dava conta de onde estava: tinha uma sensação contraditória de familiaridade e estranheza – “mas onde estavam as quatro portas verdes que existiam ali? Verdes não! Verdes eram as paredes, aquelas portas eram creme, uma cor meio amarelada...” Buscou, com os olhos, os tijolos vazados do lado esquerdo, contudo, a parede de vidro continuava ali. Só que agora, o vidro era fosco: fazia que quem estivesse do lado de fora só conseguisse enxergar os contornos e movimentos de quem ocupasse o encamin..., o corredor.

Olhou para o fim do corredor esperando encontrar a grande porta que levava ao anfiteatro... – “anfiteatro?”, questionou a memória –, mas reconheceu o que encontrou, aliás, o que não encontrou. O corredor – “corredor não! Encaminhador...”, ajustou a sua mente – seguia comprido, até onde antes existia a biblioteca, o pátio com o refeitório do lado direito, a quadra coberta e as duas quadras descobertas. O encaminhador deveria ter uns 600 metros, se não mais.

Continuou a caminhada pelo encaminhador até a parte que dava acesso à grande sala de Ensino. Num misto de lembrança e medo, olhou para cima e viu os olhadores, mas eles não seguiam a sua caminhada: talvez estivessem em manutenção. Seguiu em direção à Ensino. Ao chegar próximo ao grande atravessador automático de vidro, também fosco – onde antes ficavam as quatro portas que dividiam os ambientes –, ele se abriu. Mas não teve coragem de continuar; recuou dois longos passos, sem se dar conta do que poderia haver do lado de dentro. A porta se fechou, sem emitir nenhum som.

A abertura repentina do atravessador levou uma lufada de ar muito frio para o encaminhador. De forma instintiva, levou os braços em X até o peito – a ardência do braço direito dificultou o movimento. Conforme sua mão esquerda procurava o ombro oposto para se aquecer, tocou numa saliência acima do seio. Sentiu um incômodo na região e com as pontas dos dedos tateou temerosa, levemente o achado. Abaixou a cabeça, e, quase colando o queixo na base do pescoço, identificou um pequeno rasgo de menos de três centímetros em sua pele: a cor rosada denunciava que fora feito havia



pouco tempo. A saliência era arredondada e tinha o diâmetro do corte. Viu, também, que vestia uma roupa cor de cinza: parecia um macacão.

De repente, uma voz metalizada feminina, vinda da sala da Ensino, rompe o silêncio do lugar: “Atenção aprendentes, terceiro tempo de aula! Conecte-se ao seu itinerário de formação”. Ela se assusta e esquece do volume estranho em seu corpo. Encosta-se à parede ao lado do atravessador automático, como se estivesse se escondendo de algo ou alguma coisa. Controla a respiração, que por um instante ficou ofegante, e aguarda. Nada acontece. Percebe apenas uma massa sonora uníssona que dura poucos segundos.

Aguarda mais um tempo, que pareceu uma eternidade, para ver se percebia algum movimento ou som novo. Nada aconteceu. Olhou para cima novamente, à procura dos olhadores. Eles continuavam lá, parados, sem a luz azulada que indicava funcionamento. Tomou coragem e voltou os passos que a afastavam do sensor que abria o atravessador de vidro. Respirou fundo e seguiu: não poderia continuar parada ali por muito mais tempo.

Assim que o atravessador abriu, sem dar mais um passo, inclinou o corpo para conseguir maior campo de visão e se intrigou com o que viu: na grande sala, muito mais larga do que imaginava (ou lembrava), estavam sentados muitos jovens, talvez centenas. De onde estava, conseguia ver parte do lugar, que mesmo sem divisórias, era totalmente dividido por grandes telas e fileiras de jovens inertes, todos com apetrechos nas cabeças olhando para frente, no mais absoluto silêncio. Olhou mais uma vez para os olhadores, parados acima de sua cabeça, e arriscou um passo para, assim, entrar no recinto.

Deve ter demorado dois ou três minutos para levar o corpo todo para aquela grande sala, grande, muito grande, muito maior do que qualquer reminiscência longínqua e confusa poderia supor. Do lado direito, o ambiente parecia fazer limite com o saguão de onde começara a sua caminhada, mais para frente e à esquerda ele se alongava muito. Com gestos ainda lentos, mas com os olhos aflitos e respiração que voltava a ofegar, olhou ao seu redor, a princípio de forma assustada, sem se ater a detalhes, percebia uma grande sala com luz artificial branca que se confundia com a luminosidade forte que atravessava a parede de vidro semitransparente. Curiosamente, a incidência da luz externa não provocava o efeito luz e sombra no ambiente; tampouco refletia nas grandes telas que desciam do teto, que era muito mais alto do que o teto do encaminhador, ou mesmo do saguão. Nas telas, percebeu que havia repetição de imagens nas fileiras logo à sua frente. Curvou um pouco o tronco para enxergar mais



longe e percebeu que diferentes sequências de imagens eram multiplicadas. Observou também que, embora as telas obliterassem um pouco a sua visão, existia alguma uniformidade de cores nas roupas daqueles jovens.

Passados os minutos iniciais, ela começou a escanear o ambiente, agora se detendo em pormenores. A grande sala parecia ser dividida por seções e o que demarcava cada uma eram as telas, com duas fileiras de cadeiras colocadas uma ao lado da outra, separadas por mais ou menos meio metro de distância, tanto para o lado, como para a frente. A primeira fileira distava, aproximadamente, dois metros e meio da tela. Ela conseguia ver que na largura da sala estavam dispostas cinco seções iguais, mas não conseguia, sequer estimar, quantas existam até o fundo da sala de Ensino.

Nas cadeiras enfileiradas, estavam sentados corpos jovens inerentes vestidos com macacões inteiriços de cores diferentes. Não conseguia identificar o gênero daquelas pessoas, nem mesmo a idade. Contou rapidamente quantas cadeiras tinham em cada fileira: eram 20. Todos eles usavam um *headset* que, além dos fones grandes acolchoados, tinham uma pequena viseira de acrílico que descia pelas laterais como se fosse a de um capacete de motocicleta. Pareciam olhar para a tela. Em suas mãos não havia nada para fazer anotações: elas repousavam ordeiramente sobre as coxas.

Teve o ímpeto de caminhar pelo ambiente, não sabia por quê; não sentia mais medo, nem mesmo frio, embora a temperatura da sala estivesse muito baixa e os seus braços estivessem à mostra.

Olhou para cima e viu que o teto, de onde desciam as grandes telas, tinha um forro que alternava grandes quadrados de vidros espelhados e de material branco. A julgar pelo pequeno brilho, poderia ser metálico: as telas estavam fixadas nas emendas desses grandes quadrados.

Começou a caminhar lentamente pelo ambiente e observou algumas regularidades: todos os corpos tinham cabelos muito curtos, quase rentes ao couro cabeludo; as faces pálidas e púberes denunciavam idade entre 15 e 17 anos; a altura e massa corpórea pareciam as mesmas; o apetrecho que levavam na cabeça dificultava a identificação do gênero, mas ela conseguia notar que alguns dorsos tinham alguma protuberância na região do peito. Verificou que não havia divisão de sexo, nas seções.

Nessas primeiras seções, talvez 50, todos vestiam uma roupa de cor um pouco mais clara do que a que ela usava. Observou que o modelo do macacão era o mesmo, mas conseguia distinguir cores diferentes nas outras seções: verde escuro, verde claro, e até onde sua visão conseguia alcançar, percebeu azul escuro.



Continuou a caminhada. Nenhum som era ouvido no ambiente, além de sua respiração. Mesmo seus passos pareciam ser abafados pelo piso. Mirou os próprios pés e percebeu que estavam calçados com uma espécie de tênis, também cinza. Olhou para os pés dos corpos sentados: todos usavam o mesmo calçado.

Ao passar pelas fileiras, percebia que as imagens dos telões eram diferentes, mas todas tinham os mesmos planos de filmagem: um adulto falava em primeiro plano; logo depois, mudava para primeiríssimo; depois alterava-se para plano de conjunto com alguma ilustração. Não havia imagens de seres ou objetos reais, apenas desenhos. Os conteúdos e as pessoas que apresentavam eram diferentes; mas havia sincronia nas sequências. Os ensinantes – “nossa, de onde veio essa palavra?” – eram pessoas brancas, pretas, homens, mulheres, todos entre 30 e 40 anos. Seus rostos traziam diversidade étnica e de gênero, mas o cabelo raspado e a cor que se percebia da roupa era a mesma: cinza como a dela.

Num *insight*, levou as mãos à cabeça. O pelo curto pinicou seus dedos... Olhou para o lado atônita, o coração voltou a bater forte e ela acelerou o passo: queria seguir adiante, mesmo que encontrasse algo indesejado.

Como nenhum dos corpos jovens se mexia quando passava, aventurou-se a sair pelo lado esquerdo da sala e se dirigiu ao centro. Continuou a caminhada por ali, e confirmou que o que havia visto no início se repetia, tanto nas telas, como nas cadeiras. A insegurança do início não lhe permitiu identificar os conteúdos dos telões das primeiras fileiras da seção cinza claro; mas os últimos pareciam estar abordando mecânica básica de automóveis, ou coisa assim.

Chegou à seção de uniforme verde escuro. As impressões se repetiam: corpos inertes sentados olhando para telões; filmagens de conteúdos diversos obedecendo a mesma padronagem de sequências etc. Entretanto, observou que os corpos eram mais jovens, talvez 13 ou 14 anos. Ainda percebia, pelo volume na região do peito, que havia homens e mulheres, mas teve a impressão de que contava menos meninas.

Seguia a caminhada, agora mais corajosa: não se preocupava em fazer barulhos. Ensaiou tossir para ver se chamava à atenção, mas nada... Quando já estava no final da seção verde escuro, passou por entre as duas fileiras de cadeiras e se demorou um pouco ao lado de um dos assentos da ponta. Viu que havia respiração humana. Vontade de passar a mão sobre o braço de um dos corpos, mas se conteve.



Acelerou o passo. Sequer olhava para os telões: queria chegar às fileiras da seção de cor azul e precisava passar pelos outros dois tons de verde. Ao chegar no último tom de verde, viu que eram ainda mais jovens, com no máximo 9 anos. Seguiu quase correndo para alcançar novas cores: passou pela azul escura e, arfando, chegou à azul clara. Nesse momento, o seu olhar foi sequestrado pelos telões: olhou para eles e conseguia reconhecer o rosto, não sabia de onde, mas conhecia. Tentou se ater às imagens para saber do que se tratava e identificou que era sobre higiene pessoal, escovação de dentes, banho...

Voltou o olhar para as crianças. Não tinham mais do que seis anos. Algo mais chamou a sua atenção: todos os corpos pareciam os mesmos. Não entendia o porquê, mas sabia que eram todos meninos. Olhou novamente para o telão: o rosto lhe pareceu ainda mais familiar. Olhou para os meninos enfileirados e viu que se pareciam com aquela mulher. Voltou quase correndo a verificar se nas outras fileiras azuis algo mudava, e mudou: os meninos eram um pouco mais jovens, talvez quatro anos. Parou repentinamente: sentiu uma dor aguda no peito; não conseguia olhar mais para as crianças, nem para o telão. Olhou para cima procurando um dos quadrados espelhados e tentou se enxergar. Não conseguiu, era alto demais. Porém, sabia que aquele rosto era seu. Curvou-se no chão com as mãos na cabeça. Chorou até soluçar. O silêncio no ambiente foi cessado com uma sirene alta. Corpos adultos, uniformizados como ela, saltaram da estrutura metálica dos quadrados acima: não pareciam assustados ou nervosos; apenas desciam pelas laterais do quadrado da grande sala onde estavam, presos por uma espécie de corda de alpinista.

Naquele momento, ela começou a gritar “é meu filho, é meu filho”.

Dois dos uniformizados chegaram calmamente perto dela e a seguraram sem violência pelos braços. Não resistiu, apenas chorava muito. Uma terceira pessoa uniformizada chegou com uma seringa e injetou um líquido amarelo no cateter implantado em seu corpo – aquela protuberância que havia descoberto mais cedo. Ela serenou e ficou quieta por alguns minutos. Nenhum ruído foi detectado durante aquele pequeno espaço de tempo. Nenhum corpo, de jovem, adolescente ou criança, se mexeu.

Logo depois, sua voz rompeu mais uma vez o silêncio. Agora não era choro, e sim uma voz que traduzia calma.

– Precisamos voltar aos testes. Memórias ainda existem em adultos.

